Pela História do Ceará

Eusebio de Sousa

I

NO TEMPO DE FREI VIDAL...

Já disse alguém que remexer em papéis velhos é sempre um prazer grande. Há em tudo quanto é velho uma recordação, e um pouco de saudade nos invade a alma quando revemos coisas que mereciam de nós a honra de ser arquivadas.

A poesia que envolve as velharias—adeanta o mesmo escritor—é mais suave, mais macia que a poeira de todos os dias. Tem qualquer coisa de grave, de solene, de recordativo.

Há quem sinta, são palavras ainda de outrem, uma certa volupia no prazer de bulir em papéis velhos. E êsses têm muita razão. Por vezes, nessa tarefa tem a gente surpresas, encontrando objetos, documentos e escritos de que não tinha mais lembrança.

Estas considerações vêm a pêlo ao cair sob as minhas vistas curioso documento cuja autoria é atribuída a famoso missionario que em fins do seculo XVIII esteve em visita á antiga capitania do Ceará. Aludo a Frei Vidal de Frascarollo, capuchinho da Penha, de Recife, o qual, requisitado pela camara de Fortaleza, «abriu entre o povo missões que se tornaram célebres», e tão memoradas foram, que, ao seu tempo, a referida camara escrevia *ao governador do bispado de Pernambuco e ao prefeito da Penha, «agradeceado-lhes terem mandado ao Ceará o missionario Frei Vidal e rogando que não o façam retirar-se da Capitania sem que haja concluído as missões que nela está pregando»*.

As cronicas do tempo não se ocupam da passagem dêsse frade pelo interior do Ceará. Dêle tratam apenas os cronologistas. Tudo desapareceu com o passar dos anos. No entanto, o renomado capuchinho teve a sua época. Tão falado foi em seus dias, tal fama deixou por suas palavras e atos, que não é raro ouvir-se ainda hoje dizer: - *no tempo de Frei Vidal...* Ou então, quando um espirito menos culto, na sua curta visão das coisas, enxergando algo de extraordinario em qualquer acontecimento vulgar e tomando-o por um castigo da côrte celestial, ameúde repete: - *bem dizia Frei Vidal !...*

Viriato Correia afirma não haver talvez outro país que tenha, como o Brasil, a vida tão estreitamente ligada ás batinas e aos buréis.

Portugal—acrescenta—a Espanha, a Italia e, aqui na America, o Paraguai, sempre tiveram os seus periodos historicos sulcados pela ação do clericalismo. Mas naqueles países, tem ela modalidades felizes e modalidades funestas.

No Brasil, a ação clerical é sempre brilhante e encantadora. A do padre e do frade é imorredoura.

Encontramo-los a cada passo—prossegue Viriato Correia--ora metido nos reconditos da floresta, de cruz alçada, civilizando os indios; ora de armas nas mãos combatendo os invasores; ora ao lado da aventura, desbravando sertões, em prol da expansão territorial do nosso continente.

«Se, nas outras partes do mundo, o clero teve, em varias phases, influencias retrogradas, no Brasil a influencia foi sempre e sempre progressista.»

Frei Vidal de Frascarollo foi, decerto, um dêsses valentes pioneiros. O seu trabalho, como pregador sertanista, é admiravel.

Se não catequizou o selvagem de modo a poder ser cortejado na mesma craveira dos maiores jesuítas conhecidos—Nobrega e Anchieta—, contribuíu, não há dúvida, com os seus esforços, para uma outra catequese—a do civilizado, a mais dificil talvez, mostrando do pulpito os seus erros, as suas paixões, o seu desvio, e por fim chamando-o ao bom caminho.

Corre, pelo mundo afora, impressa, uma profecia atribuída a Frei Vidal. Dão-na como se fôra escrita no ano de 1817, da revolução separatista e republicana de Pernambuco, justamente onde se vai «esbarrar com o maior número de padres e frades» nela envolvidos. E' interessante em sua fórma; todavia, muito deixa a desejar o seu conteúdo.

Nada se perde em conhecê-la, como documento que nos legou a história, embora a julgue deturpada do original primitivo, quando outras cópias existem, que não confrontam com a que foi transformada em letra de fôrma.

Escreveu o missionario:

> «Quando vires quatro irmãos sahirem da União, guarda-te, Pernambuco, que lá chega o teu quinhão.
>
> Quando vires os homens do Brasil presos e desgraçados, as masmorras occupadas, piratas do mar, a gente da Europa a assolar, ameaça o tempo da chegada.
>
> Quando vires os rapazes de Pernambuco de barretina e mitra aprendendo exercicio, fazendo batalha, corre logo com a mecha ao fogão que os soberbos cavalheiros ja te cercam, unam-se todos a corpo, ataquem ao inimigo e defendam a lei de Christo que quando se virem perdidos ahi verão o milagre.
>
> Serão grandes os trabalhos e grandes as tropas, que muito estarão por bosques e serras para não verem o sangue correr na terra. Os contrarios se receiarão das armadas que vem no mar que no meio d'ellas virá o náo dos quintos reaes, carregado d'ouro, de prata, e deamante. E' muito crúa a guerra que vem para cá, ahi comerás o soldo de vosso soberano e cada um será premiado conforme as suas façanhas: ahi verás na afamada Muribeca nascer uma mina de prata que abrangerá toda a sua America.
>
> Quem diria que de José nasceria Maria e que nella findaria? Em conclusão José e João não recuarão! Intentos grandes haverão, porém na era de 189.... antes ou depois

verás cousas mil no mez mais vizinho de Abril.

Quando vires Pedro e outros flagellados todos se acabarão abócados, por serem findos os trez tempos com os seis numeros dobrados e então acontecerá o que vou expor:—Um grande circulo haverá que a redempção cobrirá e uma estrella haverá que a todos illuminará. Esta será a guia que primeiro não quererão depois abraçarão e do centro do sertão virá quem tudo acabará. Isto ha de acontecer porque os signaes que nos cobrem assim o indicam, um só rei haverá que tudo dominará e eu posto onde Deus for servido verei o acontecido. De dois a dois VV, um de perna para baixo e outro de perna para cima, quatro voltas de um compasso, vae chegando a um ponto d'um disforme mortaço, e no meio ponto a thesoura verão a guerra consumidora e o tempo será tal que tudo irá afinal.

Quando vires o sol escuro amolla a faca para comeres o couro no futuro, que a era dos XX verás rebanho de vinte mil. Isto ha de acontecer quando o céo fizer signal os povos fóra da linha, andarão como pinto atraz da gallinha.

Quando vires a guerra feixar as duas pontas, serão tomadas todas as contas. Tudo ha de acontecer arder e depois florescer, porque Deus o quer e eu o sei por ser assim que está escripto».

***

Guardo, vivo na memoria, o seguinte fato, narrado por alguém que o ouviu de uma testemunha presencial, por conseguinte do tempo do celebrado missionario.

Frei Vidal missionava em Campo Grande sôbre a serra de Ibiapaba.

Num dos seus sermões falou contra os sambas e toques de violas muito em voga nos sertões cearenses.

Verberando o êrro, do pulpito pediu que os possuidores de violas lhas trouxessem sob pena de excomunhão, grande espantalho da época para o espirito do crente.

O efeito era de esperar. Foi como se uma bomba estoirasse no seio daquela população ignara.

Surgiram violas como se estivessem encantadas e, em poucos dias, a casa de hospedagem do frade estava atulhada dêsse instrumento.

O missionario teve uma astucia propria de frade. Mandou dependurá-las nos galhos de uma árvore sêca, arrumando uma parte—delas havia centenas—em baixo da mesma árvore.

Feito isto, ateou fogo á pilha de violas, que arderam, comunicando-se as labaredas ás que estavam dependuradas.

Refere a testemunha que as cordas das violas vibravam, ao queimarem-se, e o som era ouvido pelos assistentes.

Na mesma freguesia de Campo Grande, Frei Vidal, como em muitas outras localidades do interior da capitania, deixou um cruzeiro de madeira de cedro, medindo aproximadamente 2 palmos em cada face e 20 de altura. O pedestal era de pedras toscas.

Contaram-me que na era de quarenta e tantos um homem perseguido de inimigos, que o procuravam matar, abraçara-se com êsse cruzeiro, em cuja haste havia um oratorio cavado na madeira e onde se achava uma imagem de N. S. da Conceição.

Foi isso um domingo, por occasião da missa paroquial.

O vígario, sabedor do que se passava, acabando de celebrar, saíu paramentado com o calix nas mãos a pedir misericordia e perdão para o perseguido. Os algozes a nada atenderam, dando, a seguir, uma descarga sôbre o pobre homem. Uma das balas, alcançando-o, atravessou a imagem da Virgem da Conceição e a madeira do cruzeiro.

O orificio deixado pela bala assassina ficou á vista de todos.

Êsse cruzeiro foi substituído por outro, ainda em dias da monarquia, sendo guardado religiosamente na sacristia.

O povo, na sua inocente e santa crendice, dêle tirava as carepas, com as quais fazia amuletos.

***

É o que pude colher sôbre a passagem, no Ceará, do maior missionario que ao seu solo veio abrir «as missões nunca esquecidas, que se tornaram uma lenda para o povo» e cuja fama era tamanha, que, para a sua aposentadoria, o Senado da Camara, de Fortaleza, arranjou-lhe a melhor casa da vila, então de residencia da maior notabilidade na tesoura – o mestre alfaiate Salvador José Quaresma, no dizer de João Brigido o fundador de uma dinastia alfaiatica— os Quaresmas.

II

UM PRINCIPE SEM DINHEIRO

O Conde d'Eu, de retôrno de sua viagem ao norte, saltara no Ceará. Seu primeiro ponto de contacto com a terra cearense foi a cidade de Camocim, alí chegando precisamente no fim de julho de 1889.

A provincia era então governada pelo senador Henrique Francisco de Avila.

O velho servidor do Imperio não quís ficar na retaguarda dos que engrossavam o cortejo do principe. Senhor do poder, dispôs as coisas a seu jeito, de modo a ser bem compreendido nas louvaminhas que ia tributar ao bravo marechal do exército nacional, que, quando outros titulos não tivesse para o recomendarem ao aprêço de seus concidadãos, tinha, e bastava, o de genro do monarca imperante. Mandou chamar João Brigido a palacio, e assim falou:

—Sr. João Brigido, seria muitissimo agradavel á minha administração, se o senhor fôsse receber o Conde d'Eu em Camocim. Conhecedor, como é, do interior do Ceará, não vejo, no momento, quem melhor possa dar desempenho a essa incumbencia.

E acrescentou, com certa enfase:

—Talvez ignore o senhor ter eu o maximo interêsse de servir a Ouro-Preto, de quem recebí especiais recomendações para homenagear o principe itinerante...

Fez ligeira pausa. Parecia medir as palavras. Não podendo, porém, sopitar o seu reconhecido amor proprio, sem guardar a minima reserva, Avila, todo vaidoso de si mesmo, cheio de visivel despeito, explodiu:

—Como homem particular, preciso dizer-lhe, com a franqueza que caracteriza os meus atos, não ter simpatia alguma por essa entidade, a quem em breve irei tomar contas da tribuna do Senado, pois não posso admitir tamanho escandalo, de ser um estrangeiro marechal do exército! Mas, como depositario do poder público da provincia, como sua suprema autoridade, não posso deixar de render a Sua Alteza as homenagens que lhe são devidas.

João Brigido compreendeu tudo. Êle bem conhecia os homens de seu tempo.

Respondeu então:

—Sr. Presidente, devo dizer a V. Excia. que aceitarei a honrosa incumbencia, e estou disposto a conduzir o Conde d'Eu a qualquer ponto da provincia que Sua Alteza por ventura deseje visitar. Meu fito unico é servir ao «principe cidadão», ao qual me prendem as mais gratas recordações do mor serviço por êle prestado na guerra do Paraguai.

E' preciso V. Excia saber—continuou João Brigido—que tenho pelo Conde d'Eu uma certa estima, que me infiltrou no espirito o bravo general Tiburcio, subalterno de Sua Alteza quando era êle comandante em chefe de todas as fôrças brasileiras no Paraguai, cabendo-lhe «a glória imorredoura de haver dado o último golpe nessa campanha que já se ia prolongando indefinidamente, perturbando de uma fórma aterradora a serenidade de espirito do continente e o progresso economico do Imperio».

E, dias depois, provido de todos os meios que eram necessarios para a condigna recepção de tão ilustre hóspede, partiu o ardoroso jornalista para Camocim, chefiando uma comissão dos mais dignos cidadãos da terra.

Fôra muito precavido. De tudo se munira para o regabofe em honra do principe, levando, rezam as cronicas do tempo, «uma dispensa do que de melhor se encontrava na cidade».

Camocim engalanara-se nesse festivo dia. A manhã fôra risonha e bela, de um sol queimante de fim de julho.

Não houve rua nem praça que não estivesse enfeitada, ostentando vistosa ornamentação de arcos, folhas e bandeirolas.

Uma multidão consideravel de «obsequiantes e curiosos» estacionava na praia.

O costeiro, de uma companhia maranhense, amanhecera no pôrto. Cedo, havia transposto o canal, todo enbandeirado, desfraldando, no tôpo do mastaréu principal, o sinal regio.

O navio fôra de proposito aprestado. Era preocupação unica agradar o principe.

Fez-se então o desembarque no meio de entusiasticas aclamações. A camara municipal, a nobreza e o povo da terra foram ao trapiche apresentar os seus cumprimentos de boas vindas.

O Conde d'Eu, no entanto, pouco se demorou em Camocim. Questão de poucas horas, enquanto se preparava o trem. Rumou para Sobral.

Nas estações intermediarias da estrada de ferro sempre o mesmo entusiasmo popular. A mesma expansão de alegria demonstrada ao pisar o solo cearense.

Massapê e Sobral souberam endeusar o marido de Isabel—a Redentora, aquela santa mulher que não há muito tempo, há um ano atrás, sancionara a benemerita lei que «expungia do seio da nacionalidade a mácula escravista» e que, por isto mesmo, nesse augusto momento, «se julgara a mais feliz mulher dêste mundo».

A cidade de Granja foi a que mereceu de Sua Alteza um carinho especial. Preparando-lhe condigna recepção, ao voltar de Sobral, o Conde d'Eu alí se demorou algumas horas.

O principe, no dever de corresponder aos salamaleques que lhe eram tributados pelos granjenses, desceu do comboio, indo até a cidade, a pé, envolvido com a multidão de populares.

Vivas explodiram. Fenderam os ares as girandolas.

Maior foi o arrebatamento popular.

Duas horas de franca alegria, visivelmente demonstrada na fisionomia do hóspede ilustre.

O Conde d'Eu, de bôlsa aberta aos necessitados, por onde passava distribuía esmolas. Nunca inferiores a dois, a muitos dando vinte mil réis, eram as suas esportulas. Ás igrejas invariavelmente reservava cem mil réis.

Com tamanha prodigalidade, «para um marechal sem sôldo, para um principe sem patrimonio, como o Conde d'Eu», era natural que o dinheiro se acabasse.

Foi nessa conjuntura que, ao retornar êle ao comboio, dirigindo-se ao Barão de Corumbá, seu companheiro de viagem, disse:

—Sr. Barão, mande cem mil réis para as obras da matriz de Granja.

—Ora esta—replicou o Barão, á meia voz—, onde vou encontrar cem mil réis? Todo o dinheiro que traziamos já se acabou!!!

Situação dificil.

Foi João Brigido quem tirou o Barão de Corumbá de tal entaladela, fornecendo-lhe a importancia determinada.

E, dêste modo, abafou-se o escandalo de estar um principe, genuíno representante da casa de Orleans, genro do Imperador Pedro II, governante do Imperio, com a carteira vazia!

Era, não há dúvida, o Conde d'Eu, no momento, um principe... sem dinheiro!

III

GENERAL TIBURCIO

Cultuassemos a história com mais carinho, certos de «que não constitue ela uma ciencia de mero deleite e de recreação, mas uma escola de proveitosa lição para o homem e a sociedade», com certeza não se mostraria um cidadão admirado com o modo escorreito de escrever do general Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa, em suas cartas íntimas, dirigidas a João Brigido e que a GAZETA, por uma deferencia especial da familia do saudoso jornalista, ha tempos editou.

A êsse cavalheiro, Tiburcio se lhe afigurava um tipo inculto, nada mais do que um oficial tarimbeiro, como, com a maior lealdade, me confessou.

Não conhecia a sua obra, o seu valor intelectual. Sabia-o apenas o bravo do Paraguai. De sua memoria—valha a Tiburcio ao menos isto!—apenas tinha recordações, em face do «simbolo de seu valor» existente na praça que tem o seu nome.

Pareceu-me, pois, oportuno, alguma coisa escrever sôbre o grande general. De antemão, porém, faço a ressalva de não pretender rehabilitar o herói. A sua memória é imperecivel.

Deixando de lado a infancia de Tiburcio, passada na terra natal, a esquecida Viçosa, vimo-lo aparecer, na adolescencia, aluno da Escola Militar da Praia Vermelha, aliás estudante mediocre. Só depois é que se tornou «dos mais ilustres oficiais do exército e um apaixonado das letras e das ciencias».

Foi aliás na Escola Militar, na convivencia diuturna com os livros, numa ansia incontida do saber, tendo por unica preocupação o estudo, que êle «provou a robustez de seu talento para as matematicas».

Respigo de um seu biographo:

«Conhecia bem o direito das gentes, todas as escolas filosoficas, a história antiga e a moderna, a literatura classica e romantica; declamava admiravelmente, e recitava Vítor Hugo e muitos outros grandes poetas, com a entonação de um artista. Dotado de uma memória prodigiosa, era como um repertorio das cousas e dos homens, que mais rapidamente tivessem atravessado deante dêle.»

E mais:

«Um discurso do general Tiburcio tinha o cadenciado duma caixa de guerra e comunicava aos nervos do ouvinte as vibrações do timpano. Falava admiravelmente, aos soquêtes (*saccadés*), e na sua palavra de guerra aninhava perfeitamente com o resedá desfolhado dos poetas as sentenças dos estoicos, o abstrato de Kant, a lei de Lavoisier e de Adam Smith, e o principio da democracia ultra.»

Ou ainda:

«Suas ordens do dia eram de uma eloquencia

napoleonica, que seduzia e encantava, seus juízos eram verdadeiras sentenças, perfeito conhecimento das qualidades do oficial sôbre as quais tinha de emitir seu parecer, chegando ás vezes até a profetizar-lhe o futuro.

Professor, ia ás aulas, surpreendia o lente da cadeira no meio das lições, ouví-as atentamente; depois, como uma torrente que se abria repentinamente, de seus labios saíam, transbordavam admiraveis preleções sôbre a materia dada.

Abordava a matematica elementar com a mesma facilidade com que encarava os problemas mais difíceis de matematica superior; discorria fluentemente sôbra fisica, quimica, botanica e zoologia. Nada lhe era desconhecido na escala dos conhecimentos humanos.»

Dêle contam o seguinte episodio, que dá idéa de sua ilustração e de quanto era astucioso:

Quando comandante da Escola de Infantaria e Cavalaria do Rio-Grande do Sul, tinha por costume palestrar amigavelmente com todos os seus oficiais na secretaria da escola, indagando e inquirindo dêles os detalhes do serviço.

E' assim que buscava saber por meios habilissimos em que ponto da materia se achava o professor de tal aula. Tomava mentalmente nota; ia para casa, estudava bem o assunto e, quando dêle estava bem inteirado, surgia inopinadamente na aula.

Assistia á lição, e no ponto em que lhe aprazia interrompia delicadamente o profesor e discorria elegante, profundamente sôbre a materia em questão.

Imagine-se que sensação não produzia tal fato entre alunos e professores.

De uma feita, Tiburcio discorreu tão correta e magistralmente sôbre o assunto da lição do dia, que os alunos o aplaudiram estrepitosamente.

Ao entrar na secretaria, orgulhoso, cheio de si, volta-se para Carneiro, seu secretário e genro, e diz-lhe:

—*Preguei uma peça na menina dos olhos dos alunos. Estão convencidos de que eu sou profundo professor. Bem pregada!*

E afastou-se, rindo-se.

Fica subentendido que apenas entremostrei o homem intelectual.

Do herói-soldado, a sua obra é assaz conhecida, desde os seus primeiros lampejos na guerra do Paraguai, quando primeiro tenente, até o seu término, da qual voltou com as dragonas de coronel em comissão, conforme a presciencia que tivera ao receber a notícia de sua declaração, gritando de um pulo:

—Bravo! ou morro ou volto coronel!

Tiburcio, como soldado, combatia «com essa impetuosa bravura que lhe era peculiar e com êsse entusiasmo que lhe dava aos nervos uma têmpera de aço e á vontade uma consistencia adamantina».

Também na guerra há dêle um episodio, de viva emoção, e que dá amostra de seu rigido carater e do quanto era cioso do dever e honra militares.

«Numa batalha que decidia da guerra do Paraguai, o general em chefe lhe deu ordem de apoderar-se de uma posição e guardá-la até o momento de uma evolução decisiva. O inimigo, apercebido da estrategia, opôs resistencia tenaz e dizimava-lhe as fileiras, fazendo coar o terror no ânimo de seus bravos, e começavam os sinais de panico entre êles.

Um oficial superior por fim deixou a fileira e primeiro procurou um abrigo... Tiburcio foi sôbre êle, e o matou instantaneamente gritando *avança!* aos demais. A coluna girou imediatamente para a frente como uma avalanche de fogo sôbre um chão inundado de sangue para cair sôbre o inimigo.

Tudo estava salvo, devido a êsse expediente barbaro da disciplina.

Perguntado sôbre êste crime da profissão, Tiburcio respondeu:

—*Foi verdade, mas sem isto a operação estaria perdida, e com ela muitas vidas e a honra nacional; talvez mesmo a campanha e os milhões do Brasil; tudo foi a dura lei da guerra, a necessidade de vencer.*»

Tal é o valor dêsse bravo e ilustrado soldado cearense, cuja estatua, ao ser inaugurada em 8 de abril de 1888, na antiga Praça do Rosario, hoje de seu nome, teve as saudações de um vibrante hino, letra do dr. Virgilio Brigido e solfa de Francisco Be-

nevolo, depois general, cujas estrofes têm dêstes fulgores:

Era o genio das batalhas!
Na dextra fulminea espada!
Surdo aos silvos da metralha
Feriu a hoste assombrada!

Quer fosse no mar ou terra,
Quer soldado ou marinheiro,
Pouco importa, era na guerra
Tiburcio sempre o guerreiro.

(CÔRO)

Que rufe o tambor!
Que atrôe o canhão!
Se um povo de bravos
Tremula o pendão!

IV

FORTALEZA DE OUTROS TEMPOS

Bem diferentes os dias de outrora comparados com os da atualidade!

Há cem anos atrás não, não avencemos tanto, há pouco mais de meio seculo, Fortaleza «era um arruado em comparação com o que é hoje». Nem tantas ruas, nem tantas travessas. Logradouros publicos, quasi nenhum. Afora o campo dos Martires, o Passeio Público contemporaneo, havia a muralha que o presidente Inacio Correia de Vasconcelos mandara fazer em 1847 para sustentar o atêrro vizinho ao palacio e que, guarnecida de assentos e gradaria de ferro e com uma escadaria ao centro para dar passagem para a rua de Baixo (Sena Madureira), se tornou, por muito tempo, o ponto preferido do povo para o seu passeio logo após o toque da Ave-Maria.

Os edificios publicos da cidade eram apontados a dedo. Não chegavam a uma duzia. Em primeiro lugar, como era natural, o Palacio do Govêrno, pardeeiro que só aos poucos foi recebendo retoques, ligeiros remendos, porque a sua estrutura é a mesma

dos seus primeiros dias, nada mais do que a transformação da primitiva habitação do capitão-mor Antonio de Castro Viana.

Seguiam-se-lhe: a Casa da Camara, a Cadeia, que ainda funcionava no pavimento terreo da Camara Municipal, só anos depois transferida para o seu local de agora, a Alfandega, a Tesouraria Provincial e a Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, que servia de quartel de linha.

E' bem verdade que por êsse tempo já havia essa preocupação caracteristica dos primitivos construtores, que fez dotar a cidade «com a fórma correta de nossos dias». Para alguém, obra do fluminense Antonio Rodrigues Ferreira, o *Boticario*, a quem, com justiça, não se pode negar a qualidade de ter sido «um dos mais zelosos presidentes da Camara Municipal».

A paternidade, porém, dessa obra, que tanto recomenda a capital do Ceará pela sua feição topografica impressionante, encantadora, surpreendente, di-lo João Brigido, recai na pessoa do tenente-coronel Antonio José da Silva Paulet, ajudante de ordens do governador Manuel Inacio de Sampaio. Paulet, portanto, foi o cerebro que arquitetou o plano. Ferreira teria sido o seu observador, «quando qualquer desvio o podia comprometer».

Bem diferentes os dias do ano de 1850 cotejados com os de hoje.

Fortaleza, nessa época, não será exagêro afirmar-se, «dormia com as galinhas».

O direito da locomoção, refere Cruz Abreu, sofria restrições: «a policia não permitia que, na cidade, depois das 9 horas da noite, continuasse o trânsito público. A essa hora tocava a *recolher*, no quartel do corpo fixo, e, ás notas compassadas da corneta, ouvidas distintamente nos pontos mais afastados da pequena cidade, estugavam o passo os retardatarios, em busca das suas habitações. Ouvia-se, então, na praça Carolina (ex-José de Alencar, hoje Capistrano de Abreu, em virtude de recente resolução prefeitural), o ruído das portas das tavernas, que se fechavam apressadamente, e o borborinho alvorotado da gente que se retirava, e alí estivera, desde 6 horas, no pequeno comércio do peixe fresco e das fressuras, vin-

das á tarde do matadouro». E toca pra casa a rezar o terço. O terço em familia, o terço no quartel, martirio do pobre recruta, engrolando todas as noites os misterios gozosos, dolorosos e gloriosos de que se compõe um rosario, entremeado de tantos padre-nossos e ave-marias quantos recomenda a doutrina cristã.

Um dia - é Cruz Abreu quem fala ainda—o comandante do corpo fixo conseguira da presidencia que o toque de *recolher* fôsse dado ás 8 horas.

Como era natural, a medida não foi bem aceita pelo povo. Surgiram tais inconvenientes, que o vice-presidente da provincia, em exercicio, coronel Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, atendendo reclamações dos prejudicados, mandou ao chefe de policia Samico (Luiz Rodrigues) o seguinte ofício:

> «Havendo esta presidencia annuido a requizição do commandante do corpo fixo de dar-se ás 8 horas da noite o toque de recolher, e tendo isto cauzado alguns embaraços ás pessoas que comerciavão no mercado, pelo costume que estavão de tocar-se o recolher ás 9 horas, cumpria que sua mercê mandasse dar para conhecimento do publico em o sino da matriz, ou no da camara, como o julgasse mais conveniente, o referido toque de recolher ás 9 horas da noite, afim de que dessa hora em diante findasse o transito das ruas, e se feixassem as tabernas e casas do mercado publico.»

Surgia, portanto, mais outro aviso. Não era só o toque de *recolher*. Agora, era o sino da igreja do Rosario, que servia de matriz, pois a principal, a Sé dos dias de hoje, se achava em reconstrução, ou o da Camara Municipal, que ia dar as nove badaladas. Um arremêdo de outras partes. Para exemplo, da Côrte, onde o sino da Igreja de São Francisco de Paula, por determinação do intendente Aragão, assinalava a hora do silêncio, depois da qual «*ninguém podia falar alto, os estabelecimentos comerciais fechavam-se, os escravos encontrados eram presos para no dia seguinte serem entregues aos seus senhores e os outros transeuntes revistados*». Daí, dizer alguém ter sido provavel que, na

época do sino do Aragão, se cantasse, pela primeira vez, esta quadrinha popular, conhecida por várias gerações:

Seu soldado não me prenda
Não me leve pro quartel:
Em não vim fazer baruio,
Vou buscar minha muié.

Na era presente as coisas têm outra feição. Como os tempos mudaram!

As cornetas jamais deixaram de dar o seu toque de *recolher*.

De uso interno, porém, exclusivo para os soldados do batalhão de caçadores ou da polícia, muita gente o ouve, indiferentemente. O sino da Sé parece que emudeceu. As suas badaladas passam despercebidas.

Na hora do silêncio, tão rigorosamente observada naqueles tempos, é que hoje muita gente boa pinta os canecos. Nem é bom falar...

E digam depois não ter sido uma tradição que desapareceu e se confundiu com a... civilização.

V

A ADESÃO DO CEARÁ Á REPUBLICA

(16 de novembro de 1889)

Nada havia de positivo, de real, sôbre o que se passava na Côrte. Os boatos, no entanto, fervilhavam.

Dizia-se á boca larga—e disso não se fazia misterio, não se pedia reserva—que a Monarquia caíra e que, no Rio, a Republica fôra proclamada. Tudo, porém, vago, incerto, de origem duvidosa, por isso mesmo se tornava suspeito.

A primeira comunicação, trazida pelo fio, fôra para importante casa comercial, cujo chefe, em pessoa, a levara ao presidente da Provincia, coronel Morais Jardim. Ainda assim, o despacho telegrafico era um tanto laconico, confuso em suas entrelinhas. Pare-

cia não exprimir a verdade. Era natural, portanto, que se o recebesse com as devidas cautelas. Dizia apenas que graves acontecimentos se desenrolavam na capital do País.

> «O ministro da Marinha, Barão de Ladario, fôra mortalmente ferido por tiros e golpes de sabre ao entrar no Arsenal de Marinha. O general Deodoro se colocara á frente do exército e agia contra o govêrno».

Era o primeiro anúncio do levante republicano. Correu celere como um raio. Em poucos minutos Fortaleza, em peso, se manifestava. Nas praças e nas ruas, nos botequins e nos cafés, era a conversa obrigatoria dos populares que, por sinal, já não eram poucos.

O coronel Morais Jardim, como medida acauteladora, convocou uma reunião em palacio. Dela fizeram parte as pessoas mais em evidência no meio social e político. E não foram a ela indiferentes os comandantes da fôrça pública, da escola militar, os chefes das repartições públicas, autoridades de terra e mar, comerciantes, enfim o que a cidade possuía de elemento representativo.

O presidente expôs a situação, gravissima naquele momento. Falou «com a maior lealdade e franqueza». Disse o que sentia, o que pensava. Confessou, pesaroso, em face dos boatos insistentes, as circunstancias especiais em que se encontrava, afirmando, por último, não poder prescindir do auxílio de todos para manter a ordem pública. E aconselhou aguardassem, prudentemente, os acontecimentos.

Ás 2 horas da tarde de 16 de novembro teve lugar no Passeio Público uma grande reunião—a que chamaram *meeting*. Discurso não houve, senão meras palestras, por vezes acaloradas, sôbre o momentoso assunto.

Manuel Bezerra de Albuquerque, a alma de todo o movimento, «o principal indicador e promotor dessa reunião», João Cordeiro, João Lopes, Barbosa Lima, Joaquim Catunda, Lobato de Castro, Bezerril Fontenele, Julio Cesar e outros proceres ali se encontravam.

Todos, confraternizados com a guarnição de 1.ª

linha e sob indicação do primeiro dos pre-citados cidadãos, proclamaram «*bem e legitimamente constituído o govêrno provisorio instalado no Rio de Janeiro, sob a presidencia do marechal Deodoro da Fonseca. E considerando a provincia—Estado—da Republica Brasileira, aclamaram chefe do Poder Executivo neste Estado o tenente-coronel Luiz Antonio Ferraz, que era, então, comandante do 11.° batalhão de infantaria*».

O Passeio Público era bem conhecido. Tinha o seu passado emocionante e glorioso. Havia sido o local onde tombaram, vítimas da rememorada *Commissão Militar*, Mororó, Pessoa Anta, Ibiapina, Bolão e Carapinima, cujas figuras, aliás, sintetizam o tributo de sangue que coube ao Ceará na sua temeraria e afoita adesão á Confederação do Equador. Naquele solenissimo instante, juntava á sua história estoutra página refulgente, não cheia de tão viva emoção como a de 1824, mas com a mesma finalidade, em prol do ideal republicano.

Foi nesse logradouro, refere uma testemunha de vista dêsses fatos, o sr. Julio Cesar da Fonseca, que, em um dos bancos, estava uma bandeira com a haste respectiva, notando-se que, em vez da Corôa Imperial, que nela existia, haviam sobreposto um barrete frigio—simbolo da nova fórma de governo—, feito de baeta vermelha.

Ferraz, em passeata, foi conduzido a palacio, ao som da banda de musica do batalhão de seu comando.

Ali chegado, Manuel Bezerra, dirigindo-se ao presidente da Provincia, falou:

—«*Coronel Jardim, o povo e a tropa de mar e terra, reunidos na praça pública, acabam de aclamar governador do Estado Livre do Ceará o cidadão coronel Luiz Antonio Ferraz.*»

Não houve relutancia por parte do coronel Morais Jardim.

O velho militar, soldado experimentado, com trinta e cinco anos de caserna, compreendeu a gravidade do momento. Qualquer resistencia seria inutil. Não contava mais com o povo. Estava só, inteiramente só.

Ademais, o govêrno central nada lhe dissera. Silêncio profundo. Sua provocação oficial, indagando,

com insistencia, do que se passava na metropole, ficara esquecida até aquela angustiosa hora. Não havia outro remédio senão entregar-se á discrição de seus antagonistas. E capitulou.

Num discurso incisivo, eloquente, Morais Jardim referiu-se á situação crítica da Provincia. Apelou para o patriotismo dos cearenses que, no seu modo de ver, deviam manter inalteravel a ordem pública, afim de evitarem males incalculaveis. Declarou por fim «ceder á vontade do povo imposta por aquele modo».

E dos olhos lhe caíram algumas lágrimas.

Os animos, porém, já estavam por demais inflamados. Não era de estranhar. A alma popular, sempre avida de novidades, de escandalo, nunca se satisfaz em demonstrar, em regra e com a devida calma, o seu grande entusiasmo pelo desenrolar de qualquer acontecimento, pela vitoria desta ou daquela idéa. De ordinario, excede-se, cometendo desatinos, ás vezes lamentaveis, reprovaveis.

Quando o cel. Morais Jardim discursava perante a multidão que o cercava, em justificativa do seu modo de agir em face do imprevisto daqueles fatos. que era o advento do novo regimen, um incidente bem triste, desagradavel ao extremo, perturbou, por alguns instantes, a serenidade do ato, pondo um borrão negro de tinta, indelevel, sôbre a página rútila da história republicana no Ceará.

Um cidadão, oficial de polícia, de quem a história não esqueceu o nome—Artur Saboia de Alencar—, trepando-se sôbre uma cadeira, sacou de um punhal e rasgou em continuos golpes o retrato de D. Pedro II que ornava a galeria de palacio. Isto o fez, apostrofando a varonil figura do velho monarca, grande bem-feitor do Ceará, «terra que êle tanto amou, que êle tanto serviu, que êle desejava próspera e feliz».

O que vale—dizem os jornais da época—é que êsse ato tão pequenino, tão vil, não encontrou aplausos da multidão. Todos o censuraram.

Morais Jardim, acabrunhadissimo, deixou o palacio, recolhendo-se á casa do seu grande amigo conselheiro Rodrigues Junior...

E assim aderiu o Ceará ao triunfante movimento republicano de 89